



UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE A AUSÊNCIA DE ESPANTO E O SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DO MITO DE SÍSIFO

A possible relationship between the absence of astonishment and suicide from the perspective of the myth of Sisyphus

Luan Camurça Magustero¹, Moacir Ferreira Filho²

¹Aluno, Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, luanmagustero@yahoo.com.br

² Professor, Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, Centro Universitário FAVENI – UNIFAVENI,
moacir.filho@unifaveni.com.br

INTRODUÇÃO

O mito de Sísifo, narrado por Albert Camus, e as reflexões de Vilém Flusser sobre a perda do espanto diante da vida fornecem um contexto possível para a investigação da relação entre a ausência de sentido da vida e o suicídio. Esta análise busca explorar as nuances dessa relação, considerando tanto as perspectivas filosóficas quanto um estudo de caso clínico. A partir das obras de Camus e Flusser, investigaremos como a condição humana, marcada pela luta contra o absurdo e a perda do espanto diante do mundo, pode influenciar os sentimentos de desesperança e desespero que frequentemente levam ao suicídio. Além disso, examinaremos como a arte e a filosofia podem oferecer caminhos para encontrar significado e redenção, mesmo diante das adversidades existenciais mais profundas. Esta análise pretende lançar luz sobre questões fundamentais da existência humana e oferecer a possibilidade de encontro com o sentido da vida.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa conta com uma abordagem qualitativa de natureza aplicada com objetivos descritivos e exploratórios de procedimento bibliográfico e documental. Para tal, recorreu-se a documentos e obras que são referências nessa área de discussão para que, a partir do levantamento dos conceitos fundantes dessa discussão, fosse possível realizar o diálogo com a sociedade e sua demanda contemporânea. Procedeu-se com a leitura e realização de fichamentos das obras dos próprios autores, de comentadores, bem como, estudiosos e autores fundamentais para a discussão em tela.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Sísifo e o espanto vital

O início dessa breve análise existencial se dá com o “O mito de Sísifo” de Albert Camus, que propõe: “Só existe um único problema filosófico realmente sério: o suicídio”. (CAMUS, 2023, p. 17). O mito se dá da seguinte maneira: após ver Zeus raptar Egina, filha de Asopo (deus-rio da Grécia), Sísifo conta o ocorrido e entrega o deus dos deuses em troca de água para os habitantes de Corinto. Zeus encolerizado envia-o ao inferno: sua primeira ida. Sísifo voltou-se contra Zeus. Na *Iliada*, Sísifo foi chamado de “o mais ardiloso dos homens” (HOMERO, 2013, p. 238).



Sinteticamente falando, Sísifo, por ter enganado os deuses, foi condenado a rolar uma pedra morro acima por toda a eternidade conforme destaca Homero (2015, p.201)

Vi, também, Sísifo, e o modo por que ele, com pena indizível, com as mãos ambas tentava arrastar uma pedra enormíssima. Firma os dois pés no chão duro, com ambas as mãos esforçando-se para levar acima o penedo; mas quando pensava que já vencera o alto monte, com força outra vez retornava. Dessa maneira, até o plano, rolava o penhasco impudente. Ele de novo a empurrá-lo começa, suor escorrendo-lhe dos membros todos, enquanto a cabeça de poeira se cobre.

Sísifo pode ser a representação do homem contemporâneo que carrega por anos a mesma pedra morro acima sem o poder de transformar sua própria realidade.

Flusser (2002), tendo em seu horizonte o mito de Sísifo de Albert Camus, traz que a pergunta mitológica fundamental é também a pergunta existencial atual: Por que não me mato? “Este me parece ser o clima da pergunta: nada vale a pena, salvo, talvez, suicidar-se. É o clima do tédio absoluto, e o hálito que o inspira é o bocejo”. (FLUSSER, 2002, p. 91) O ser humano primordial jamais se faria essa pergunta. Seu momento existencial obrigava-o a indagar de maneira oposta: como posso sobreviver? (FLUSSER, 2002)

O filósofo observa, partindo desses pressupostos, que o momento do ser humano primordial e o do contemporâneo ensejam essas perguntas existenciais opostas. No início da história, tudo parece novo. Cada dia é um novo dia... A cada nascer do sol existe uma novidade a ser conhecida e vivida. É como aquele recém-nascido que, apesar da rotina que suas necessidades biológicas pedem, conforme o seu desenvolvimento, ele descobre uma coisa nova em seu mundo. Todo dia provoca nele um novo espanto. Há um espanto cotidiano.

O papel do espanto é tão importante que fez nascer a Filosofia: o *thauma* traduzido do grego como “espanto” foi a fagulha inicial para que os filósofos naturalistas comesçassem a se questionar sobre a *arché* do *kosmos*. Nesse sentido, o assim conhecido como “milagre grego” foi marcado pela passagem da leitura do mundo através do discurso mitológico para o discurso lógico-racional. Através do espanto com o mundo e sua origem, nasce a Filosofia.

Em oposição ao ser humano primordial que tinha um impulso por viver, pois se espantava e encontrava novidade em tudo e a cada dia, a humanidade contemporânea posiciona-se diante da realidade com um “já vi de tudo”. Instrumentalizamos, coisificamos e explicamos tudo ao nosso redor fazendo com que o mundo se torne cada vez menos místico, mágico, isto é, o mundo, a realidade e a própria vida deixam de ser um objeto de espanto.

Essa nossa busca inautêntica de aventura, que é no fundo uma fuga do tédio, e que caracteriza tão bem a situação atual, é já uma tentativa fracassada de responder à pergunta "por que não me mato?". A transformação do mundo espantoso das coisas milagrosas no mundo nojento dos instrumentos tediosos é uma transformação lenta. (FLUSSER, 2002, p. 93)

“Toda coisa revela o nada e é por isto que toda coisa é espantosa. O instrumento é a coisa domesticada”. (FLUSSER, 2002, p. 94). Essa afirmação do autor tcheco-brasileiro é, sem dúvidas, uma grande denúncia ao modo como a humanidade atual se coloca diante do mundo sem espanto. Num ambiente onde tudo é transformado em instrumento e passa pelo processo de domesticação, perde-se cada vez mais o espanto e, conseqüentemente, o observador perde sua vontade de viver.

Para que viver 10 anos se aquilo que se apresenta hoje a mim será o mesmo pelos próximos anos? Se não há com o que me espantar, para que viver?



Como a virgindade, não pode ser reconquistada. Face ao mar, por exemplo, não podemos reconquistar o espanto primitivo, porque não podemos suprimir, autenticamente, os nossos conhecimentos quanto ao conteúdo salino e iodo de sua água. (Flusser, 2002, p. 95)

Se não se pode mais voltar ao modo de espanto original. Tudo se tornou mesmice. Estamos no tédio absoluto que nos força a buscar a novidade, isto é, o espanto a qualquer custo, porém, todas as tentativas são frustradas, pois levam o sujeito ao nada. Contudo, podemos estar numa mudança de época, tal como apontado por Flusser, onde seja possível encontrar motivos para viver em outras fontes. Talvez, a arte possa nos espantar (ainda). Talvez, ela possa fornecer à humanidade uma nova vontade de viver.

É necessário desviar a atenção das trivialidades para explorar um mundo extraordinário ao nosso redor, um mundo pronto para se manifestar se estivermos receptivos a ele. Articular sobre esse mundo é desafiador, pois ainda não foi totalmente compreendido. No entanto, nossos poetas são os pioneiros a mergulhar nessa experiência, retornando de suas jornadas com expressões admiravelmente inéditas. Cada verso que eles apresentam é permeado pelo frescor do novo, ressoando com o espanto da origem do nada. Esses versos exalam uma atmosfera de aventura, semelhante às expedições de descobrimento do século XIV. (FLUSSER, 2002)

Parafraseando Aristóteles, Flusser (2002, p. 96) destaca que “é pelo espanto que os homens começaram a filosofar antigamente e hoje em dia”, nesse sentido, enquanto houver espanto, não há motivos para matar-se. Nessa perspectiva, seria possível, até mesmo arriscar uma resposta à pergunta central deste estudo: eu não me mato porque ainda posso me espantar!

Como todo relato mitológico, o mito de Sísifo pretende, de algum modo, representar uma experiência humana universalizante. Nesse caso, muitos consideram a própria vida como a pedra de Sísifo a ser carregada todos os dias morro acima. Obviamente, o mito permite várias interpretações e aplicações que dialogam com os problemas carregado pela humanidade em pleno século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sísifo, na sua última passagem pela terra, não aceitou ir ao inferno, retornar, pois sabia que seria definitiva, sem volta. À sua experiência de espanto, faltou algo para filosofar: a morte. No título e subtítulo do seu livro, Fogel ensina: “Que é filosofia? Filosofia como exercício de finitude”. Então os deuses lhe forçaram o que lhe faltava: entregaram-no à morte, para possibilitar sua quase completude, tanto ao viver quanto ao morrer. Mas ainda carecia de algo que em ambos, vida e morte, mesmo Sísifo tentando se desvencilhar, foi-lhe obrigado: a rocha.

O que lhe faltou em vida foi lhe obrigado no inferno, para que sua passagem na terra pudesse ser contemplada completa como vida, merecer e receber este nome; sua rocha, seu peso, sua água, seu amor, eram o que Sísifo fugia. Levar de baixo para cima, incontável e interminável, todos os dias, repetir seu ofício, suportar com suor, levar água do rio distante à sua esposa e habitantes, apenas pelo seu amor a ela e cuidado com os outros. “(...) só podemos sempre re-tornar, re-tomar vida, que assim, se faz vida da vida..., no dizer de Platão, para um mortal, uma espécie de imortalidade.” (FOGEL, 2010, p. 104) Esse era seu trabalho, sua condenação. Que alcançou seu apogeu, no seu limiar, no insuperável inferno.

Quando Camus apela para que seja necessário imaginar Sísifo feliz, é possível transportar essa citação ao humano contemporâneo. Apesar de um sentimento suicida, ainda é possível buscar ou imaginar a felicidade. Tal como Sísifo se espanta, também o ser humano é possível de encontrar sentido em sua vida através do espanto com a arte que, segundo Flusser, é capaz de descobrir, toda vez, um mundo novo como em uma grande viagem de expedição.



Ao explorar as profundezas do mito de Sísifo e as reflexões contemporâneas de Vilém Flusser, emergem significativos pensamentos sobre a complexa relação entre a ausência de sentido e o suicídio. O mito de Sísifo nos confronta com a realidade da existência humana, marcada pela luta incessante contra o absurdo e a busca incessante por significado. A perda do espanto diante da vida, destacada por Flusser, revela uma crise existencial que permeia a sociedade contemporânea, onde a trivialidade substitui o maravilhamento e o tédio absoluto se instala.

No entanto, mesmo diante desses desafios, há uma luz de esperança. A arte e a filosofia emergem como ferramentas poderosas para enfrentar o vazio e encontrar significado em meio à aparente falta de sentido. Assim como Sísifo encontrou uma espécie de redenção em seu trabalho condenado, os seres humanos podem descobrir um sentido renovado na criação artística, na reflexão filosófica e no cuidado mútuo.

Em última análise, essa pesquisa preliminar nos leva a questionar não apenas o significado da existência individual, mas também o papel da sociedade em cultivar um ambiente onde o espanto, a arte e a reflexão filosófica possam florescer. Ao reconhecer a profundidade da condição humana e abraçar a busca pelo sentido, podemos encontrar uma fonte renovada de esperança e propósito em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ANAXIMANDRO. **Os pensadores originários**: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Tradução: Emmanuel Carneiro e Sérgio Wrublewski. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Vozes de Bolso)

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução: Ari Roitman, Paulina Watch. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **Suicídio & luto**: da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existências. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2021.

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

FOGEL, Gilvan. **Da solidão perfeita**: Escritos de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FOGEL, Gilvan. **O homem doente do homem e a transfiguração da dor**: Uma leitura de *Da visão e do Enigma em Assim falava Zarathustra*, de Friedrich Nietzsche. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

FOGEL, Gilvan. **Que é filosofia?** Filosofia como exercício de finitude. Aparecida, SP: Ideias & letras, 2009.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Heidegger urgente**: introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

HERÁCLITO. **Fragments contextualizados**. Tradução, estudo e comentários: Alexandre Costa. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

2024



**5ª JORNADA
CIENTÍFICA**
GRUPO EDUCACIONAL FAVENI

GRUPO EDUCACIONAL
FAVENI

HOMERO. **Ilíada**. Tradução: Frederico Lourenço; 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2013.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução: Alberto Nunes; 25ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.